



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

MARCOS ANTÔNIO LOPES

**A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA: um olhar sobre
o brincar da criança**

**Campina Grande - PB
Outubro/2016**

MARCOS ANTÔNIO LOPES

**A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA: um olhar sobre
o brincar da criança**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Pedagogia da Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento às exigências
para obtenção do grau de Licenciado em
Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dr^a Valdecy Margarida da Silva

**Campina Grande - PB
Outubro/2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L864r Lopes, Marcos Antonio.
A relação família e escola [manuscrito] : um olhar sobre o
brincar da criança / Marcos Antonio Lopes. - 2016.
26 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura
Plena em Pedagogia EAD) - Universidade Estadual da Paraíba,
Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância,
2016.
"Orientação: Prof. Dr. Valdecy Margarida da Silva, Secretária
de Educação à Distância".

1. Família. 2. Escola. 3. Brincar. 4. Desenvolvimento
infantil. I. Título.

21. ed. CDD 372.24

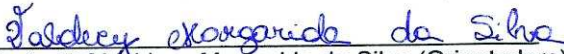
MARCOS ANTÔNIO LOPES

**A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA: um olhar sobre
o brincar da criança**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Pedagogia, da Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento às exigências
para obtenção do grau de Licenciado em
Pedagogia.

Data da aprovação: 27 / 10 /2016.

Banca examinadora:



Profa. Dr^a Valdecy Margarida da Silva (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Maria José Guerra
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA: um olhar sobre o brincar da criança

Marcos Antônio Lopes¹

RESUMO

Pesquisas revelam a importância do brincar para o desenvolvimento motor, social, cognitivo e afetivo da criança. No entanto, a escola ainda não vem dando o valor que o brincar merece. Partindo dessa questão, o presente artigo objetiva discutir a relação entre família e escola e a importância do brincar para o desenvolvimento da criança. A pesquisa, que se configura como qualitativa, trata-se de um estudo exploratório que foi desenvolvido numa Escola da Rede Municipal de Ensino Infantil e Fundamental, localizada na cidade de Alagoa Nova-PB. Na ocasião, foi realizada uma entrevista com 8 mães que responderam um questionário que trazia questões sobre a importância do brincar e a relação das famílias com a escola. Baseada nos estudos de Friedmann (2009), Brasil (2006), Oliveira (2002), Ferreira e Melo (2006), dentre outros, a pesquisa mostra a importância da participação da família na escola e a necessidade de tanto a família quanto a escola compreenderem a relevância do brincar para o desenvolvimento infantil.

Palavras-chave: Família. Escola. Brincar.

0. INTRODUÇÃO

Estudos confirmam a importância do brincar para o desenvolvimento motor, social, cognitivo e afetivo da criança. Por outro lado, o que se observa é que a escola ainda não garante o espaço necessário para o brincar nas salas de aula da Educação Infantil. Nesta perspectiva, o presente artigo objetiva discutir a relação entre família e escola e a importância do brincar para o desenvolvimento da criança.

A pesquisa, que se configura como qualitativa, trata-se de um estudo exploratório que foi desenvolvido na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental, localizada na cidade de Alagoa Nova-PB. Na ocasião, foi realizada uma entrevista com 8 (oito) mães que responderam um questionário que trazia questões sobre a importância do brincar e a relação das famílias com a escola.

A pesquisa está baseada nos estudos de Friedmann (2009), Brasil (2006), Oliveira (2002), Ferreira e Melo (2006), dentre outros. O primeiro tópico parte de uma discussão sobre a família e a escola na sociedade moderna. Nessa discussão, abordamos a função social da escola e a relação família e escola e o desenvolvimento e aprendizagem da criança. Em seguida, no segundo tópico, intitulado “A infância, a criança e a educação infantil na legislação: investigando seus avanços”, tratamos de discutir o brincar na proposta do RCNEI – Referencial

¹ Aluno concluinte do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: marcoslopesped08@bol.com.br

Curricular para a Educação Infantil e o professor, a criança e o brincar. Finalmente, no terceiro tópico, discutimos a família, a escola e o brincar, espaço onde trazemos um relato da experiência de campo vivenciada no Estágio Supervisionado da Educação Infantil.

1. FAMÍLIA E ESCOLA NA SOCIEDADE

Em uma sociedade em constante transformação, onde a informação e a educação estão sempre sendo cobradas na vida de todos que integram o meio social, é de total importância a parceria entre a família e a escola, onde essa parceria vai influenciar significativamente na formação do cidadão, pois a escola, parceira da família, vai facilitar a aprendizagem, a formação escolar e a formação de valores da sociedade.

O conhecimento que os professores constroem com os educandos na escola é de significativa importância. Porém, ele já deve vir da sua casa, da sua família, com atitudes e hábitos que possam lhe garantir um bom desempenho na escola, uma vez que esta não pode fazer um bom trabalho sem a parceria família x escola, em que tal parceria irá proporcionar ao educando um ambiente favorável para que, assim, possa desenvolver suas capacidades de forma prazerosa e eficaz.

Os pais são os que mais precisam de informação e orientação, cabendo às instituições criar espaços para tanto e acolher inquietações relativas às crianças. Os educadores saem dos cursos de formação com uma visão limitada e idealizada, a qual se amplia apenas quando se confrontam com crianças reais e situações do cotidiano escolar. O professor procura formação e lê o que estiver ao seu alcance, e é essencial que assim o faça, mas raramente percebe que tem à mão as duas maiores fontes de conhecimento: uma delas são as crianças [...] (FRIEDMANN, 2009:23).

É de total importância e direito dos pais participarem da vida do seu filho na escola, pois cabe aos gestores abrir as portas das escolas para as famílias com ações que contemplem a participação efetiva das famílias nas escolas. Estas ações podem se configurar em atitudes como abrir as escolas para visitas dos pais. Com a interação dos pais e professores, os gestores podem organizar eventos que contemplem a participação das famílias, onde os educandos sintam-se muito bem em verem seus pais participando da escola; os pais devem cobrar mais das escolas, conhecimento dos membros do conselho escolar, dentre outras ações.

A escola deve suprir as necessidades dos pais no tocante às informações, pois essa troca irá facilitar para o professor e demais membros da instituição que terão em mãos informações que poderão ajudar na condução dos trabalhos com as

crianças, onde as mesmas irão sentir-se cada vez mais parte da escola, pois vêem a participação de seus pais na vida escolar.

Está na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA): as escolas têm a obrigação de se articular com as famílias e os pais têm direito a ter ciência do processo pedagógico, bem como de participar da definição das propostas educacionais. Porém, nem sempre esse princípio é considerado quando se forma o vínculo entre diretores, professores e coordenadores pedagógicos e a família dos alunos (BRASIL, 2006, p. 25).

A participação efetiva dos pais na vida escolar de seus filhos é um direito e um dever. Porém, na prática esta participação não é efetivada, pois isso é facilmente notado quando alguém de um posicionamento mais crítico cobra alguma atitude dos professores ou gestores. Estes se mostram não muito confortáveis, tomando posicionamentos muitas vezes autoritários, achando que os pais querem passar por cima de suas ordens. Outros pais não participam da vida escolar por não conhecerem seus direitos. Outros, ainda, porque não sabem como fazer diante de tanto autoritarismo na escola, onde na verdade esta deveria abrir as portas para a sociedade, facilitando, assim, o seu trabalho, sendo conhecedora das necessidades de seus educandos.

[...] Mas o que significa uma parceria saudável entre essas duas instituições? Os pais devem ajudar no ensino dos conteúdos e os professores no dos bons modos? Claro que não. A colaboração que se espera é de outra ordem. “O papel do pai e da mãe é estimular o comportamento de estudante nos filhos, mostrando interesse pelo que eles aprendem e incentivando a pesquisa e a leitura” (BRASIL, 2006, p. 26).

O papel dos pais na participação na vida escolar de seu filho não se restringe apenas a ajudar nos conteúdos da escola. Deve existir uma verdadeira parceria entre a escola e a família, onde o incentivo dos pais para com seus filhos possa garantir um “bom” convívio e uma boa aprendizagem na instituição de ensino.

Para que esta parceria possa ocorrer de maneira amigável é necessário que os gestores possam apresentar a escola aos pais, para que eles conheçam as instalações, a equipe pedagógica e os funcionários, causando, assim, aos pais uma boa impressão e a convicção de que fazem parte da escola. O conhecimento da equipe escolar da família de cada um dos alunos é, também, de significativa importância, para que se possa saber para quem se trabalha, conhecendo de onde vem o educando? O que podemos fazer por ele?

A participação dos pais no projeto político pedagógico é de total relevância, pois assim cria-se um vínculo entre a família e a escola, podendo desenvolver juntos várias atividades, respeitando, porém, os horários dos pais, pois estes muitas vezes têm obrigações. Assim, a escola deve ver horários adequados a todos, para que se tenha uma boa participação e, nestes encontros, possa ser visto a produção dos

educandos, para que assim a família possa ver os resultados dos seus filhos e assim lhes oferecer mais incentivos. A comunidade deve ser bem informada como anda a escola, pois as famílias não podem ficar desinformadas sobre o andamento da escola, e para que esta parceria se torne cada vez mais forte, é necessário que se promovam eventos com a participação da comunidade.

Podemos perceber que a função da família e da escola se complementa na construção de um ser humano mais participativo e mais consciente. Sabemos que as relações entre elas têm se modificado. Na relação família/escola, poderíamos apontar a transição de uma fase em que a família confiava plenamente na escola, estabelecendo até uma cumplicidade, para uma outra em que a família passa, de um lado a criticar a escola e de outro, contraditoriamente, a transferir suas responsabilidades para a mesma. Por parte da escola, esta acusa a família pelos problemas educacionais (PENIN, VIEIRA, 2002, p. 34).

Esta discussão não pretende ser um pretexto para encontrar possíveis culpados e, sim, abrir espaço para um debate para que se chegue a um objetivo comum, que é o sucesso escolar dos educandos e o bom convívio entre as partes. Isso ocorrerá quando cada um assumir suas responsabilidades.

Sabemos que a família tem um papel determinante na construção social e na vida do indivíduo. Assim, muitas vezes os indivíduos reproduzem o que vêem em suas famílias, onde ao reproduzirem tais comportamentos, podem ou não contribuir para um satisfatório desempenho na vida escolar, dependendo do que é produzido normalmente naquela família.

O ambiente onde as crianças vivem se constitui em um conjunto de elementos naturais e sociais indissociáveis frente ao qual elas se mostram curiosas e investigativas. Desde muito pequenas, através da interação com o meio físico e social no qual vivem, as crianças aprendem através da observação e da experimentação, fazendo perguntas e procurando respostas às suas indagações e questões. (OLIVEIRA, 2002)

Podemos perceber nas famílias um crescente interesse pela educação de seus filhos, pois tomam como base a escola como a solução para muitos problemas, tais como: financeiros, sociais, afetivos, etc. Sendo assim, o investimento na educação dos filhos passou a ser algo de primeira necessidade, onde o capital deixado hoje como herança é a educação. E isso não ocorre apenas nos investimentos das classes médias e altas, nota-se, também, o grande incentivo das classes menos favorecidas no incentivo à educação de seus filhos, fazendo grandes esforços para lhes garantir o máximo de escolaridade, pois mesmo vivendo em uma sociedade capitalista, que dá privilégios aos mais ricos, as classes populares já perceberam que o caminho é a educação.

As famílias das classes populares não podem se espelhar nas ações escolares mais conhecidas e identificadas das famílias diferentes frações

das classes médias. Empreender essas ações demandaria capital cultural e mesmo uma disposição econômica de que as famílias dessas classes não dispõem. Essas famílias lidam em um espaço ainda pouco compreendido por nós, onde a privação, a instabilidade, a insegurança e a angústia impulsionam e orientam as ações (PORTES apud NOGUEIRA et alii, 2000, p. 77).

Sempre é muito difícil para os pais o sustento dos filhos na escola. Porém, os menos favorecidos vêm conseguindo driblar esse tão falado fracasso escolar, onde não é efetivado graças à coragem e à dedicação de tantos e tantos pais que, com grande afeto e carinho, conseguem fazer, mesmo com tantas dificuldades, levar seus filhos ao sucesso escolar, onde este sucesso a mídia prega apenas para os alunos das classes mais favorecidas, ficando claro que a família vem tendo um papel primordial na vida e na educação dos educandos.

[...] a relação das famílias com a escola alterou-se significativamente se compararmos o momento em que a reprodução social não dependia de títulos escolares (sociedade tradicional), com outro, característico da sociedade moderna, quando o capital dominante é notadamente escolar (PHILIPPE ÁRIES apud NOGUEIRA et alii, 2000, p. 23).

Com a revolução industrial, é cobrado da classe popular um aprimoramento da leitura, matemática e outros saberes. No Brasil, estas transformações ocorreram em meados do século XX, ocorrendo, assim, uma maior demanda na educação formal, onde era negado aos educandos uma efetiva aprendizagem, que pudesse torná-los cidadãos pensantes. A aprendizagem era apenas para atender as necessidades do mercado de trabalho, a sua participação na escola era diferenciada das classes dominantes.

1.1 A função social da escola

A escola tem o dever de proporcionar para o seu educando, além da educação, inseri-lo na sociedade e na cultura, tomando conhecimento de seu modo de vida, para assim poder intervir decisivamente na sua educação. A escola deve proporcionar aos pais o conhecimento de todas as suas ações. Deve fazer parte da vida da família para que a reciprocidade de ambas proporcione um ambiente favorável às duas partes.

A função social da escola é abrir as portas para a sociedade e entrar nesta para conhecer melhor seus educandos.

Cada criança ou jovem brasileiro, mesmo de locais com pouca infraestrutura e condições socioeconômicas desfavoráveis, deve ter acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários para o exercício da cidadania para deles poder usufruir (BRASIL, 2001, p. 35).

A escola deve proporcionar aos educandos condições para que eles, com os conhecimentos adquiridos, possam exercer sua cidadania, e com isso, mesmo em situações desfavoráveis, poderem viver dignamente, conhecendo seus direitos e deveres, para com isso fazerem parte integrante da sociedade, e apropriar-se do conhecimento, podendo usá-lo para cobrar das autoridades seus direitos. Assim, a

escola vai cumprir sua função social, garantindo que o indivíduo tenha a possibilidade de exercer a sua cidadania.

De acordo com o Referencial Curricular para a Educação Infantil (2001, p. 23), a instituição de educação infantil tem por obrigação tratar todas as crianças de maneira igualitária, independente de suas particularidades, buscando elementos de sua cultura para que possa desenvolver seu eu pessoal e inserção cultural. Isso pode ser desenvolvido com atividades de interações de grupos, como também brincadeiras que enfatizem o jeito e o modo de vida e de ser de cada indivíduo.

1.2 A relação família e escola e o desenvolvimento e aprendizagem da criança

A relação entre família e escola é de total importância no aprendizado da criança, pois essa relação quando é amigável e parceira trás ótimos resultados no desenvolvimento desta, ficando evidente que a “boa” relação entre ambas as instituições facilita decisivamente o aprendizado.

Para Nogueira (2006, p 31):

Olhando do ponto da sociedade civil, encontra-se hoje, igualmente, e bastante difundida uma ideologia da colaboração e um discurso, tanto por parte dos profissionais de ensino quanto por parte dos pais que pregam a importância e a necessidade do diálogo e a parceria entre as duas partes, em nome de um ajustamento e de uma coerência entre as duas ações educativas produzidas por estas duas agências da sociedade.

Mas é fato que nem sempre essa relação é de parceria, deixando a criança vulnerável no seu ambiente onde está formando sua personalidade e seu caráter, como também seu aprendizado intelectual. A escola que não é parceira da família está deixando uma grande lacuna no aprendizado da criança, pois perde muito uma vez que a família tem bastante o que contribuir, informado as necessidades e os problemas vividos no seio da família, como também opinar sobre as tarefas, brincadeiras e horários, ficando, também, ciente de que tudo o que é feito na escola é para o bem de seus filhos. Daí a importância de a escola esclarecer à família o que é desenvolvido na instituição, considerando que esta, geralmente, deixa de lado uma de suas funções sociais, que é a de desenvolver uma parceria com a sociedade. Pois é lá na escola que o currículo ou o Projeto Político Pedagógico da Escola deveria ser construído, antes de ser elaborado, ao contar com o apoio da sociedade, para que este tivesse realmente levando em consideração as peculiaridades daquela comunidade.

De acordo com Kramer: Enfatizamos que a relação que se forma entre escola e família requer disponibilidade, não podendo ficar limitada à contatos formais, como reunião de pais, e sim, mais uma vez, uma participação real, presente, dialogada

com todos que fazem parte da instituição, pois ambas têm como elo a criança que as unem. Por sua vez, a família deve ter clareza da importância da escola como instância de socialização, parceira no processo educativo dos filhos.

É prática corriqueira de muitas escolas acharem que é melhor isolar-se da família, fechando suas portas para

Sabemos que o trabalho conjunto, escola-família, é um dos maiores desafios de uma proposta pedagógica, na medida em que reflete uma problemática social mais ampla. De um lado, a população se sente como se um espaço público, mas muito ao contrário, considera que a rua a praça, a praia, o telefone, ou a escola não são de ninguém. (KRAMER, 2002, p. 13):

Mas, também é fato que muitas escolas e gestores estão bem empenhados em incluir a sociedade da qual a escola faz parte, abrindo as portas para a participação nas suas atividades az em seu interior, ficando, assim, uma grande transparência no que é feito e como também da interação das famílias na vida escolar de seus filhos e essa parceria acaba sendo muito importante quando no final ambas as instituições ganham muito, quando a escola acolhe a família e a família dá um suporte de apoio à escola.

O educando, que está em tal situação de parceria família e escola, tem uma vida escolar prazerosa, tomando o ambiente convidativo e atraente para as crianças e para as famílias.

2. A INFÂNCIA, A CRIANÇA E A EDUCAÇÃO INFANTIL NA LEGISLAÇÃO: INVESTIGANDO SEUS AVANÇOS

Ao se falar dos avanços da educação infantil faz-se necessário que coloquemos um pouco da infância no seu contexto histórico e a visão dos adultos para essa fase da vida.

A vida deve ser vivida intensamente, em cada uma das suas etapas, a plenitude deve estar presente em todo o tempo. A infância é uma dessas etapas na qual a vida da criança deve ter sua história, sua singularidade, onde práticas adultocêntricas não devem interferir no desenvolvimento e na vivência da infância, que é um momento da vida que deve ser vivido com muita intensidade, e não como se fosse uma preparação ou até mesmo uma prova para a vida adulta.

Para Franco (2002, p. 30), “a infância é uma construção histórico-social, é impróprio ou inadequado supor uma população infantil homogênea”. Em cada época e lugar, a criança vai construir sua própria história de acordo com a sua vida. A criança existe em todo ser humano, é a fase da vida onde pratica - se a infância, pois segundo Sarmento e Pinto (1997), “existe desde os séculos XVII e XVIII, a infância como construção social”.

Com isso, podemos analisar que a criança de hoje tem sua vida ditada pelo adulto, onde ele diz tudo o que a criança deve fazer, adequando a mesma a seu modo de vida, onde tantas vezes não é a melhor opção para a criança, de forma que seu processo de desenvolvimento fica a mercê de práticas de adultos, que o que querem é estar bem acomodados, não pensando na vida do outro, que é a criança que tem a sua infância tantas vezes “roubada” por intransigências de pais que se preocupam apenas com eles próprios.

A mídia, sem dúvida, é uma das responsáveis por algumas dessas armadilhas à infância. O sistema capitalista em que se vive também contribui, pois o consumo é o que vale e tem valor. E é esse mesmo sistema que se beneficia com o consumo da criança no mercado. Estamos vivendo num mundo dominado pelo poder econômico. Este suplantou o poder político e a cultura. E, quando buscamos entender o lugar da criança na cultura, suplantada pelo poder econômico, vemos que a criança de hoje é diferente da de ontem (FRANCO, 2002, p. 33-34).

A sociedade atual, com seu modo capitalista de ser, está roubando a infância das nossas crianças, onde as mesmas estão sendo obrigadas a viver em condições de adultos, onde sua singularidade de criança não é respeitada, acarretando em uma infância na qual não é vivida em toda a sua intensidade, pois as imposições sofridas pelos pais não lhes deixa ter uma infância na qual possa usufruir de tudo que essa fase da vida lhe oferece.

Para as crianças, são impostas tarefas que não lhes proporcionam um tempo só para elas. O que vemos hoje é aula de tudo que os pais acham que é bom para seus filhos, e não deixam um tempo livre para que a criança brincar e fazer o que as crianças querem. Por outro lado, os pais tentam suprir suas ausências, ocupando também todo o tempo de seus filhos e até mesmo outros que já pensam em atividades que possam lhes garantir retorno financeiro no futuro.

A educação infantil é o lugar privilegiado para brincar, o faz de conta, a fantasia que povoa toda criança, e tantas atividades prazerosas que a educação infantil deve contemplar, deixar nossas crianças serem crianças, tirar de seus “ombros” toda e qualquer responsabilidade de resultados competitivos. É tempo de dar asas à imaginação e deixar as vontades aparecerem espontaneamente, deixar a criança por em prática sua infância. É preciso que nossas crianças tenham liberdade. Falo da liberdade de poder escolher e não de serem marionetes nas mãos de algumas professoras que cobram algo como: (a alfabetização propriamente dita), que ainda não deveria ser cobrado, como resultados em tarefas, como também comportamento homogêneo de toda a turma.

É necessário que as instituições de educação infantil lembrem-se de que não são escolas, são instituições diferenciadas, onde seu objetivo é dar possibilidades às crianças de criarem, expressarem-se espontaneamente e serem

curiosas, para assim dar início ao processo cognitivo e, de forma prazerosa, seguirem em um processo de aprendizagem pelo qual não se precise cobrar tanto de crianças, pois a forma mais fácil e gostosa de aprender é brincando e se divertindo, fazendo da educação infantil uma fase marcante nas suas vidas, onde as lembranças de sua infância vão ficar gravadas positivamente nas suas mentes.

A educação infantil que desejamos é aquela que privilegia a existência plena da criança naquilo que lhe é próprio e específico, sem desistências, concessões nem transferências. [...] A escola proposta é um lugar de satisfação, altamente gratificante, não para mais tarde, mas imediatamente gratificante. Não estar na escola, no momento, seria estar se privando de grande satisfação (REDIN, apud FRANCO, 2002).

A educação infantil ideal é essa proposta, onde a criança seja sujeito de sua história e não seja alienada por pessoas que pensam a criança como uma poupança, onde tem que investirem e depois terem lucros com tais investimentos, um lugar onde as vontades sejam expressas como também suas inquietações de forma agradável.

Na educação infantil, é essencial que os educadores sejam bem preparados para exercer uma função a qual exige muito conhecimento do assunto, onde o mesmo deve estar munido intelectual e emocionalmente e deve acrescentar a isso amor e dedicação para difícil tarefa que é ser um educador infantil, pois são eles que vão possibilitar o sucesso ou o fracasso daquelas crianças em sua fase de infância na instituição. Os educadores devem estar dispostos a enfrentar o desafio de entender o mundo das crianças e lhes dar suporte para, a cada dia, progredirem, como também devem ter a mente aberta para o lúdico e as brincadeiras essenciais para todos aprenderem.

Sei que, o que vemos em certas escolas particulares e públicas é o preenchimento de vagas para educadores infantis, de pessoas sem qualificação profissional, sem nenhum conhecimento de práticas educativas nas salas infantis. Ou seja, a o currículo específico da educação infantil, onde ao invés de contribuir, vão justamente alienar as crianças, deixando o seu conhecimento prévio de lado e impondo-lhes atividades e tarefas nas quais o único objetivo é testar os conhecimentos da criança, deixando a criatividade, a brincadeira, o lúdico e o saber de lado.

Diante de gestores mal informados, a instituição acaba sendo conivente com tais práticas. É fácil ver em escolas de bairro, educadores que apenas têm o ensino fundamental em sala de educação infantil, embora com uma enorme boa vontade de ensinar. Porém, sem nenhuma formação prática na área infantil para tal tarefa e, assim, tornando aquele ensino algo fragmentado, onde as crianças estão no lugar que poderiam ser privilegiado a brincadeira, o lúdico a oralidade, e tudo

que facilitaria o aprendizado. Assim, vão a cada dia tornando aquele lugar desagradável para as crianças, fazendo com que elas sintam tédio ao se deslocarem para a instituição, antes mesmo da escolarização, sentindo raiva de aprender, achando que tudo aquilo é uma obrigação, e fazem sem aquele prazer, onde tudo se tornaria mais fácil.

A criança deve ter a infância como condição de si e não uma representação dos adultos. Deve-se levar em consideração suas vivências, histórias vividas em qualquer lugar na sociedade ou onde vive geograficamente.

A visão de que a criança é o adulto do futuro contribui para que o seu momento de infância esteja envolto em uma imagem distorcida de si mesma, acarretando uma inversão de valores e de modelos de vida. O fato de a criança ser vista por alguns pais ou educadores como o adulto de amanhã, desperta-lhe o sentimento de que o importante é ser igual ao adulto, levando-a a criar uma falsa imagem de si mesma, imagem que pode também ser criada pelos adultos que trabalham com ela (FRANCO, 2002, p. 41).

Não estou querendo afirmar que a criança vem acompanhada pelo discurso da sociedade que ela será o adulto de amanhã. Porém, é necessário que não se cobre e não transforme a vida de uma criança em um vestibular para a vida adulta, onde suas ações estejam voltadas para o aprender do adulto, pois a plenitude da infância deve sobressair-se ao modo de vida do adulto, que é totalmente diferente do modo de vida de uma criança, onde a brincadeira, o faz de conta, as fantasias e tudo que se encaixa no mundo infantil, o adulto deve dar incentivos à criança para que ela tenha sua infância vivida plenamente, pois se isso ocorrer, já se pode ter de certo um adulto repleto de criatividade, participativo e pleno. Com isso, em suas próximas fases de vida terá um sentimento de um caminho bem percorrido.

A criança tem no brincar uma forma de aprendizado e desenvolvimento. É na brincadeira que a criança experimenta o mundo em que vive. Na brincadeira de faz de conta, manifestam suas habilidades, onde segundo Vygotsky (1984), não seriam esperadas para sua idade. Nesse sentido, a aprendizagem cria a zona de desenvolvimento proximal.

A criança busca na brincadeira vivenciar a sua realidade. Assim, o aprendizado vai configurando-se por etapas. A cada fase, as brincadeiras vão ficando mais complexas e a criança vai se desenvolvendo a partir do aprendizado com a experiência do brincar.

A educação infantil enfrenta um grande desafio, que é o de criar propostas pedagógicas para esse segmento da educação. Se formos ver, nas creches predomina em sua grande maioria o assistencialismo, que é mais frequente na rede pública.

Para Oliveira (2002, p. 38):

A problemática social que tem sido evocada para justificar o atendimento a crianças pequenas fora da família deve hoje merecer outro tratamento. Creches e pré-escolas não devem nem substituir a família nem antecipar práticas tradicionais de escolarização.

As creches e pré-escolas devem, sim, garantir alimentação, cuidados e carinho. Porém, devem estar equipadas de material humano capacitado para garantir a função educacional da instituição. As mesmas devem garantir às crianças uma educação que seja igualitária para todas as classes, levando em consideração o contexto social de cada indivíduo.

Mas, muitas vezes confundem a creche com um lugar de guardar crianças, pois o público, geralmente, de crianças carentes e de pais que trabalham tendem a pensar que ali é um lugar apenas para passar o tempo.

A Educação Infantil no Brasil funciona em creches, pré-escolas, centros ou núcleos de Educação Infantil como também em salas anexas a escolas de Ensino Fundamental que atendem crianças de 0 até 6 anos de idade. Todas as instituições de Educação Infantil localizadas em um município, sejam públicas ou privadas, compõem, juntamente com as instituições de Ensino Fundamental e Médio, mantidas pelo poder público, e os órgãos de educação, o sistema de ensino correspondente (municipal ou estadual) (BRASIL, 2006, p. 27).

Os Referenciais Curriculares para Educação Infantil dizem claramente que as instituições de educação infantil estão ligadas ao sistema de ensino. Com isso, é lugar privilegiado de ensino e de educação, e não pode ser vista e nem classificada como um lugar sem objetivos educacionais, onde o poder público tem obrigação legal de prover as instituições.

Dadas as particularidades do desenvolvimento da criança de zero a seis anos, a Educação Infantil cumpre duas funções indispensáveis e indissociáveis: cuidar e educar, complementando a ação da família e da comunidade. A proposta pedagógica da Educação Infantil deve levar em conta o bem-estar da criança, seu grau de desenvolvimento, a diversidade cultural das populações infantis, os conhecimentos a serem universalizados e o regime de atendimento (tempo integral ou parcial). (FERREIRA & MELO, 2006, p. 48)

A Lei 9.394/96 enfatiza as particularidades das crianças de 0 a 6 anos, onde lhes deve ser garantido, além da educação e dos fundamentos pedagógicos, o cuidado, levando em conta a sua cultura, e assim lhes proporcionar um ambiente saudável para o seu desenvolvimento físico, psicológico, intelectual e social, pois só com essas ações as crianças poderão ter o desenvolvimento efetivado e a sua infância ser respeitada e vivida de forma prazerosa.

Segundo Ferreira *et al.* (1998, p. 54):

Muitas dessas crianças chegaram até nós bem bebezinhos. Alguns tranquilos, outros mais agitados. Os que gostam demais de comer, os que quase não comem nada. Os que choram bastante, os que vivem sorrindo... cada um com sua individualidade. Mas, enfim, um dia todos crescem! Crescem na vida, crescem para a vida e nos ajudam a crescer também.

Sabemos que em nossa sociedade a criança muitas vezes é tratada como um ser incompleto que só pode aprender e acumular valores, saberes, é tudo o que a sociedade os impõe. Porém, sabemos que a criança é um ser completo na sua fase de vida, pois ela produz sua cultura, aprende e ensina ao mesmo tempo. A criança tem em si um ser que deve ser mais valorizado pelo adulto, de forma que se prestássemos mais atenção às crianças, iríamos aprender muitas coisas e deixaríamos de lhes impor muitas coisas que para elas não tem importância e não lhes faz crescer em nada, pois vemos exemplos de pais que querem, desde a infância de seus filhos, que os mesmos exerçam determinadas profissões e, muitas vezes, nem é o querer dos filhos, acabando por deixá-los frustrados e ao invés de ajudar, atrapalham.

Segundo Brasil (2001, p. 21), o debate com diversas instituições em relação à educação infantil centrou-se na questão da separação do filho com a mãe, onde a afetividade e o carinho devia ser algo essencial nas creches e pré-escolas. Porém, pesquisas comprovam o sucesso da educação e do aprendizado em crianças de 0 a 5 anos.

As abordagens de avaliação da qualidade também passaram a conferir maior atenção aos contextos familiares e locais, emergindo desses trabalhos um consenso a respeito da importância da formação em serviço e da participação das famílias. Foram consideradas também nesse debate as diferenças de tradição e as várias modalidades nacionais de oferta de atendimento educacional, as questões das desigualdades sociais e o respeito à diversidade cultural. (BRASIL, 2006, p. 29)

Os avanços na educação infantil estão a cada dia crescendo, pois vemos hoje teorias e pesquisas na área, onde tais estudos dão suporte aos educadores, que assim tem como nortear suas práticas, dando ênfase à participação da família, às diferenças sociais, culturais e tantas outras que dão suporte para que o trabalho educacional flua de nas instituições. O conhecimento das diferenças pelo educador lhes proporciona a oportunidade de usar um padrão educacional no qual atenda a todos de forma adequada.

2.1 O brincar na proposta do RCNEI – Referencial Curricular para a Educação Infantil.

O brincar é de essencial importância na vida de todo indivíduo. A brincadeira desenvolve a identidade e a autonomia da criança. Na brincadeira, a criança expressa suas emoções, medos e sentimentos, desenvolvendo também a

imaginação, dando simbologia às coisas do seu cotidiano. O aprender brincando recria situações de seu mundo, ajudando assim a formar sua personalidade. O brincar é da natureza dos seres humanos, pois brincamos em todas as fases da nossa vida. Por isso, a criança deve ser estimulada a brincar, pois na brincadeira ela vai poder representar e, assim, moldar sua personalidade.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (BRASIL, 1998), por intermédio do brincar, podemos observar a coordenação das experiências prévias das crianças e as reações tomadas por elas frente às diversas situações que surgem no decorrer da brincadeira. É no brincar que a criança desenvolve suas capacidades físicas e mentais.

Piaget (1971, apud KISHIMOTO, 2005, p. 59), diz que:

O brincar é, pois, uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento e a educação das crianças, proporcionando o brincar a criação de um espaço no qual as crianças podem experimentar o mundo e interpretar de maneira ativa e praticar os comportamentos, usos, costumes e sentimentos do homem (BRASIL, 1998, p. 158).

A criança, no seu cotidiano, consegue, no seu interior, criar brincadeiras que a elas é mais comum. Exemplo: Um filho de policial brinca de polícia e ladrão; quer ser igual o pai. O filho de um caminhoneiro brinca de carro, e no faz de contas, diz que é o pai, e tantos outros exemplos. A brincadeira prepara as crianças para a vida adulta, desenvolvendo assim suas aptidões para o convívio social.

Atualidade e relevância para a realização de pesquisas em torno do brincar se evidenciam na medida em que as crianças em geral estão apartadas do brincar. Isto ocorre, basicamente, por duas razões. Por um lado, as condições econômicas, muitas vezes, não permitem a aquisição de brinquedos relevantes para a criança. Soma-se, ainda, a desorganização familiar, o trabalho prematuro, a violência contra a criança e a qualidade de vida como um todo. Por outro lado, a escola também não diminui esta distância, pois parece não valorizar muito o brincar. Raramente, ela oportuniza situações dentro e fora da sala de aula para que a criança se expresse, invente e jogue (SANTOS, 2001, p. 78).

Apesar de tantas dificuldades para que a criança possa brincar, ela consegue fazer de forma prazerosa. A escola, muitas vezes, por falta de conhecimento dos benefícios do brincar, acaba sobrecarregando as crianças de atividades, esquecendo que a brincadeira é a atividade por excelência, fazendo a criança perder um momento de aprender e brincar ao mesmo tempo, tornando o aprendizado mais significativo. As famílias, por sua vez, não dão importância ao brincar, achando que aprender é apenas encontrar os cadernos cheios de atividades, que muitas vezes cobram dos professores o máximo de atividades e, com isso, privam as crianças da melhor forma de aprender e também de socializar-se e interagir com outras crianças.

O brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento das crianças. A criança, desde muito cedo, se comunica através de gestos, sons e mais tarde, em suas brincadeiras representam determinados papéis e isso faz com que desenvolva sua imaginação. As brincadeiras podem desenvolver: a atenção, a imitação, a memória e a imaginação (RCNEI BRASIL, 1998, p. 49).

De acordo com o Referencial Curricular para a Educação Infantil, o brincar desenvolve todas as partes do corpo humano. Sendo assim, o brincar é essencial em casa, na escola, em todos os espaços da sociedade. Nas brincadeiras, as crianças desenvolvem seus papéis, representam a sua vida cotidiana e o que vivem no seu meio social. O brincar liga o real ao imaginário e esta ponte molda toda a vida do indivíduo, independente de classe social, raça, etc.

A brincadeira é um mecanismo que deve acompanhar o ser humano por toda a sua vida. Pois é uma atividade corriqueira na vida de todo ser humano, seja ele criança, adulto ou idoso.

O brincar ultrapassa as barreiras da idade, onde a brincadeira por tantas vezes acaba sendo uma válvula de escape para tantas pessoas diante dos problemas enfrentados no seu cotidiano. No caso das crianças, o brincar tem a função de representar a vida cotidiana nas brincadeiras. Por isto, cada um dos adultos que rodeia as crianças, seja em casa, na escola ou na sociedade, deve observar suas brincadeiras para, assim, analisar um pouco melhor a sua vida, e como anda o seu emocional.

O brincar é concebido como uma atividade que permite que as crianças relaxem através da dispersão de energias contidas. Na classe, a brincadeira recupera fisicamente as crianças.

No brincar, as crianças relaxam e têm suas energias revigoradas depois das aulas e o recreio acaba sendo o momento das brincadeiras, que em tantas escolas não são abordadas na sala de aula, deixando o brincar exclusivamente para um único momento, onde estas brincadeiras deveriam também ser privilegiadas na hora da aula, momento em que o professor pode obter grandes avanços com determinadas brincadeiras na aula, mas essas acabam acontecendo apenas como um momento de descanso para a criança e o professor, ficando de lado sua função primordial, que é aprender brincando. Muitos professores acham que o recreio, por si só, é o momento que vai garantir espaço para as brincadeiras, deixando as crianças ao acaso, sem lhes dar nenhum incentivo para o enriquecimento de tais atividades. Ao brincar, podemos observar as experiências das crianças, pois estas repetem nas suas brincadeiras o que já conhecem, desenvolvem a imaginação e a interpretação da realidade.

De acordo com o RCNEI (2006), a criança também brinca com papéis e faz-de-conta. As experiências prévias das crianças associam-se imediatamente às

situações presentes e externas. Através da imitação, as crianças utilizam os objetos disponíveis numa funcionalidade diferente, como por exemplo, elas usam um caderno como um avião.

Na brincadeira, a criança desenvolve diversas capacidades, torna-se atenciosa, imagina e cria situações, pondo em prática regras sociais. A criança interpreta situações vividas e em muitos casos usa a fantasia para solucionar problemas do cotidiano. O brincar faz com que as crianças resolvam os conflitos que passam na sua mente. Também usa a brincadeira para passar o tempo e divertir-se.

Segundo Winnicott (1991, p. 63):

O brincar é o fazer em si, o que se requer tempo e espaço próprio, um fazer que se constitui de experiências culturais, que é universal e própria da saúde, porque facilita o crescimento, promove os relacionamentos grupais, podendo ser uma forma de comunicação consigo mesmo e com os outros.

Assim, o brincar é uma atividade inerente a toda criança onde contextualiza a sua cultura dentro da brincadeira e do espaço físico, onde relações de afeto são construídas no meio cultural de cada um, tornando a brincadeira um mecanismo de essencial importância para a saúde mental e física das crianças. Assim, tais experiências dão suporte à construção do eu cidadão, inserido em um mundo de indivíduos diferentes e que através das relações sociais podem viver juntos e pacíficos.

2.2 O professor, a criança e o brincar

Hoje temos muitas pesquisas relacionadas à educação infantil e à importância do brincar nessa fase. Sabemos que a brincadeira manifesta nas crianças o prazer da relação entre elas, que se dá de maneira espontânea, em que os movimentos corporais e as fantasias fazem parte de um mundo singular da criança.

Um rápido olhar para o cotidiano da educação infantil nos permite ver a negação desse espaço, haja vista que as atividades ali desenvolvidas revelam o direcionamento do foco para o professor como centro do processo. Como exemplo, podemos citar a importância dada pelos professores desse nível de ensino ao processo de aquisição da leitura e da escrita. Ainda nas salas de Educação Infantil, é possível encontrar atividades que trabalham o desenvolvimento motor com propostas de cobrir pontinhos, copiar do quadro para o caderno, repetir incansavelmente letras e números, o que é lamentável em qualquer sala, especialmente nas salas de crianças de 2 a 5 anos de idade.

O fato é que os professores de educação infantil devem voltar suas práticas para a criança e não para atender um sistema escolar que trata crianças como

homens em miniatura, onde a repetição de tarefas se torna enfadonha para as mesmas e sem nenhuma motivação ou prazer, deixando o professor muitas vezes angustiado, pensando porque os resultados não são os esperados. É preciso que os professores repensem as atividades, pois o brincar deve ocupar um espaço privilegiado nessas salas.

O brincar em situações educacionais proporciona não só um meio real de aprendizagem, como permite que os professores aprendam sobre as crianças e suas necessidades. No contexto escolar, isso significa dar aos educadores o ponto de partida para novas aprendizagens nos domínios cognitivos e afetivos.

Isso mostra o benefício significativo que trás o brincar. A interação na brincadeira entre os professores e educandos proporciona um aprendizado mutuo, onde ao passo que brinca, a criança ajuda o professor a ter perspectivas diferentes sobre seu educando, tornando, assim, o ambiente escolar em um espaço de conquistas para ambos. Segundo BRASIL (2001, P.21)

[...] o debate com diversas instituições em relação à Educação Infantil centrou-se na questão da separação do filho com a mãe, onde a afetividade e o carinho devia ser algo essencial nas creches e pré-escolas. Porém, pesquisas comprovam o sucesso da educação e do aprendizado em salas com crianças de 0 a 5 anos.

As abordagens da avaliação da qualidade também passaram a conferir maior atenção aos contextos familiares e locais, emergindo desses trabalhos um consenso a respeito da importância da formação em serviço e da participação das famílias. Foram consideradas, também, nesse debate, as diferenças de tradição e as várias modalidades nacionais de oferta de atendimento educacional, as questões das desigualdades sociais e o respeito á diversidade cultural.

Os avanços na Educação Infantil estão a cada dia crescendo, pois vemos hoje teorias e pesquisas na área, onde tais dão suporte aos educadores, que assim tem como nortear suas práticas, dando ênfase a participação da família as diferenças sociais, culturais e tantas outras que as pesquisas dão suporte para que o trabalho educacional flua de maneira adequada nas instituições. O conhecimento das diferenças pelo educador lhes proporciona se apropriar de uma prática ética e adequada aos princípios de justiça e igualdade social.

3. A FAMÍLIA, A ESCOLA E O BRINCAR: UM RELATO DA EXPERIÊNCIA DE CAMPO

E fato que em muitas escolas a relação entre família e escola não é uma relação de parceria. Porem, sabemos que essa relação importância para o bom andamento de ambas as instituições, como também para o desenvolvimento do

educando, pois quando essa parceria é efetivada pode se dizer que as chances de que tudo o que é feito na escola dar certo são bem maiores do que quando essas relações tem obstáculos.

A participação da comunidade na escola, como todo processo democrático, é um caminho que se faz ao caminhar, o que não elimina a necessidade de refletir previamente a respeito dos obstáculos e potencialidades que a realidade apresenta para ação. (Paro, apud, Souza, 2011).

A família tem o papel de participar e opinar na vida da escola e, assim, saber quais ações estão sendo desenvolvidas na escola. Com isso, dar oportunidade a escola de conhecer, também, sua vida. Quem é esse educando, de onde ele vem, para assim poder voltar suas ações para as necessidades da família.

Este projeto de intervenção surgiu nas atividades do componente de Estágio Supervisionado na Educação Infantil do Curso de Pedagogia (UEPB), a partir da observação, realizada na escola, das dificuldades que existiam na relação família e escola e sobre o desconhecimento da importância do brincar. O objetivo foi estreitar os laços entre família e escola e contribuir para que os envolvidos entendam a importância de brincar na escola.

Inicialmente, foram necessárias pesquisas sobre a participação da família na escola e a importância do brincar, onde se enfatizou a infância e todos seus aspectos. O projeto abordou a necessidades de conhecimento de ambas as partes. Foi realizado em uma Escola Municipal, em Alagoa Nova-PB, mais especificamente na sala do Pré II, na qual foram desenvolvidas ações relacionadas ao brincar, onde as famílias puderam vivenciar e saber a finalidade do brincar na educação infantil e, assim, estreitar os laços da família com a escola.

O projeto contou com a participação efetiva de toda a escola, a família foi fator importante nos trabalhos realizados, especialmente no que se refere às ações desenvolvidas tais como: brincadeiras e atividades.

A realização das atividades era voltada para a família, culminado em uma participação dos pais na escola e um maior interesse nas atividades dos filhos. As famílias ficaram cientes da importância do brincar, para quê brincar e no final do projeto mostrou-se nítido a assimilação de muitas atividades que são feitas na escola. Dessa forma, a família, tendo conhecimento de causa, não mais argumenta que está tudo errado, que as crianças apenas brincam, ao invés de estudarem. Vendo as ações concretizadas, todos ficaram com a certeza de que se aprende muito na brincadeira, aonde as atividades da escola vão além das atividades que se vê nos cadernos, a escola é, sem dúvida, um local de aprendizado.

Santos (2002) fala sobre a contribuição dos jogos em grupo no desenvolvimento social, político, moral, cognitivo e emocional da criança e o valor da atividade lúdica na educação trazendo importantes reflexões sobre a teoria de

Piaget no que se refere às brincadeiras, aonde as atividades da escola vão além das atividades que se vê nos cadernos. A escola é um local de aprendizado e deve explorar todas as formas desse saber.

Com isso, a escola e a família devem estar sempre cientes dessa forma de aprender que é o aprender brincando; ficando, assim, evidente a importância do brincar, e escola, por sua vez, dá ênfase a essa importante atividade.

No que se refere à aplicação do projeto na escola, foram desenvolvidas atividades voltadas para a família e para o brincar, onde tais atividades geraram grande prazer nas crianças; pois, independente da disciplina, o brincar e a família estava sempre na pauta das atividades. Desenvolvidas de forma sistemática, elas estavam permeadas de músicas, brincadeiras, jogos e estratégias que levassem a todos a sentirem prazer no que estavam aprendendo. É o que vemos no registro fotográfico que segue:





Registro fotográfico de momentos diversos vivenciados no Projeto de Intervenção
Fonte: Arquivo pessoal do autor (2016)

A gratificação não foi vista apenas por partes das crianças, os pais, em seus relatos, enfatizavam a importância das brincadeiras como também da satisfação de seus filhos de estarem aprendendo de forma tão prazerosa. Com a experiência, ficou nítido para as duas instituições a importância da parceria entre a família e a escola com relação ao brincar.

De acordo com Cunha (2009, p: 97):

É recorrente a discussão em torno dos benefícios da dimensão lúdica aqui atribuída a jogos, brinquedos e brincadeiras, no processo ensino-aprendizagem. No entanto, estabelecer correlações entre a prática educativa lúdica e a construção de aprendizagens significativas considerando as particularidades do sujeito aprendiz, não se constitui a uma recente descoberta, haja vista que Jean- Jaques Rousseau (1999), no século XVIII, já defendia uma educação voltada para ludicidade, na medida em que propunha o uso de jogos, brinquedos, esporte música, em substituição a uma disciplina rígida e o uso excessivo da memória, práticas desenvolvidas nas escolas até os dias atuais.

Verificamos, com a experiência vivenciada no projeto, a urgente necessidade da correlação entre a escola a família com um olhar sobre o brincar. A satisfação dos educandos e de seus familiares, como também de toda escola, que foi de total importância para avaliação positiva do projeto de intervenção proposto pela disciplina de Estágio Supervisionado na Educação Infantil.

As crianças vivenciaram, nas brincadeiras, uma forma significativa de transformar seu mundo em criatividade e novos conhecimentos. Houve, ainda, uma maior interação social e efetiva entre os envolvidos, ficando, assim, evidenciado a importância de tudo que foi elencado no projeto.

Um outro momento da pesquisa foi aplicação de um questionário com oito mães de crianças da rede pública de ensino de Alagoa Nova- PB. Todas com idade maior de 25 anos. Dessas mães 5 são alfabetizadas e 3 não alfabetizadas. Estas últimas obtiveram ajuda do pesquisador para registrar a opinião delas.

Observamos que as mães não tiveram nenhuma insegurança ao responderem o questionário. Em suas respostas fica evidenciada a importância da família, da escola e das brincadeiras para o desenvolvimento das crianças.

Quando interrogadas, as entrevistadas enfatizaram que a família é a instituição onde nos sentimos seguros e temos as melhores relações de grupo, também ratificaram a idéia de que a família é a base da sociedade. De acordo com Kramer (2002, pag.12), “família é uma instituição onde os seus integrantes têm participação efetiva na vida de cada um.”

Questionadas sobre como veem a escola, foi praticamente unânime entre todas as mães o fato de que no tempo delas a escola oferecia poucas condições para os educando, hoje veem uma escola melhor com professores capacitados e uma estrutura bem melhor do que antes.

Sobre a parceria família/escola, algumas mães não tiveram muito o que dizer das parcerias, mas a maioria enfatizou a participação mais efetiva dos pais na escola onde as ações deixaram de ser apenas em reuniões de pais. Agora, são solicitadas a participar da vida escolar dos filhos. De acordo com Penim e Vieira (2002, P.34), “a família e a escola em parceria efetiva constroem um ser humano melhor, consciente e participativo nas ações da sociedade como um todo.” Para Aries (2002, P.23), “a participação das famílias na escola mudou bastante desde que o capitalismo e que isto é uma característica da sociedade moderna e capitalista”.

Ainda sobre a participação das famílias nas escolas, as mães disseram²:

É muito importante estarmos mais participativas e estarmos tendo a oportunidade de conhecer e fazermos parte da vida ativa da escola. (Mãe nº 01)
Melhorou muito a organização da escola, temos mais professores capacitados. É muito importante a presença da família na escola e essa participação não devia se restringir apenas às reuniões de pais. (Mãe nº 02)

² Com o objetivo de preservar a identidade dos sujeitos da pesquisa, optamos por enumerar os participantes. Assim, o leitor encontrará identificadas nas falas a expressão Mãe nº 01, Mãe nº 02 e Mãe nº 03.

Fazemos o possível para comparecermos e participarmos da vida escolar dos nossos filhos. (Mãe nº 03)

Perguntadas sobre o que é brincar, as entrevistadas ficaram surpresas com essa pergunta e foram logo lembrando, dos tempos de criança, em que brincar é algo gostoso e prazeroso. Assim, as respostas giraram em torno do prazer de brincar, e da felicidade que a brincadeira traz. Para Maluf (2007, p.27). “o brincar dá oportunidade de despertar na criança novos conhecimentos, aonde o mesmo vem de forma natural e agradável.”

Ao serem questionadas sobre a importância da brincadeira para o desenvolvimento das crianças, todas concordaram que a brincadeira é importante e ajuda no aprendizado, enfatizando que na brincadeira as crianças vão conhecendo e adquirindo novos conhecimentos. Kishimoto (2009, p. 14) afirma que “na brincadeira a criança ingressa em um fantástico mundo imaginário dando outro significado ao mundo ao seu redor, representando o mesmo da forma que melhor lhe convém.”

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada na escola foi de grande importância para a minha formação como educador e para a prática em sala de aula. A oportunidade de vivenciar momentos ímpares na escola, através dos trabalhos desenvolvidos no projeto de intervenção, em que a brincadeira teve papel essencial no dia a dia das crianças da Educação Infantil, contribuiu significativamente para pensar essa escola como espaço da ludicidade.

Ainda, destaca-se o prazer e a gratidão dos educandos na realização das atividades. Foi muito recompensador vivenciar tão rica experiência. Em todas as atividades do projeto de intervenção, as famílias tiveram importante participação. Constantemente ficaram cientes das ações da escola, da importância do brincar, como também da importância de uma maior participação na vida dos educandos.

A escola proporcionou a família momentos de efetiva inteiração, em que tal parceria gerou frutos que beneficiaram aos próprios familiares, a escola e os educandos. Tal experiência vai, sem dúvida, permear minhas práticas pedagógicas futuras, pois percebi que deu muitos frutos positivos onde as mesmas deram certo.

Os resultados obtidos foram suficientes para que pudesse desenvolver esta monografia, que seu objetivo principal da pesquisa foi sempre a família, a escola e o educando, e isso favoreceu o desenvolvimento da pesquisa vai ficar provado e documentado neste trabalho acadêmico.

ABSTRACT

Research shows the importance of play for the motor development, social, cognitive, and affective of the child. However, the school has not been giving the value that the Play deserves. Starting from this question, this article aims to discuss the relationship between family and school and the importance of play in the development of the child. The survey, which is configured as qualitative, it is an exploratory study that was developed in the school hall of nursery and elementary schools, located in the city of Alagoa Nova-PB. At the time, was held an interview with 8 mothers who answered a questionnaire that had questions about the importance of play and the relationship of families with the school. Based on studies of Friedmann (2009), Brazil (2006), Oliveira (2002), Ferreira and Melo (2006), among others, research shows the importance of family participation in school and the need for both the family and the school understand the importance of play for child development.

Keywords: Family. The school. Play.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais para educação infantil:** introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3. ed. Brasília: A Secretaria, 2001.

BRASIL. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil.** Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brasília-DF, 2006.

BRASIL. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil.** Vol. 2. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brasília-DF, 2006.

BRASIL. **Subsídios para Credenciamento e Funcionamento de Instituições de Educação Infantil.** Vol I. Brasília-DF, 1998.

CUNHA, N. H. S. **Brinquedoteca: Definição no brasil e no mundo.** In: **FRIEDMANN. (org).** O direito de brincar. 4. ED. São Paulo: Edições Sociais: Abring, 1998.

FERREIRA, M. C. R.; MELLO, A. M.; Vitória, T.; GOSUEN, A.; CHAGURI, A. C. (orgs.). **Os fazeres na educação infantil.** São Paulo: Cortez, 1998.

FRANCO, M. E. W. **Compreendendo a infância.** Porto Alegre: Mediação, 2002.

FRIEDMANN, Adriana. **Educação infantil no século XXI.** *Revista Pátio*, ano VI, nº 18, nov. 2008/fev. 2009.

KISHIMOTO. T.M. **O jogo e a educação infantil.** Jogo brinquedo e brincadeira e a educação infantil. 8. Ed: São Paulo: Cortez, 2005.

KRAMER. S. **Infância e cultura contemporânea,** educação contra barbárie. Educação e direitos humanos. São Paulo: Cortez, 2003.

- MALUF, A. C. M., **Brincar: prazer e Aprendizado**. 5. ed. Petrópolis: Vozes. 2007.
- NOGUEIRA. M. A. **Educação e saber Produção em Max e Engells**. 2. Ed: São
- OLIVEIRA, Z. R. de. **Educação infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção Docência em Formação).
Paulo: Cortez, 1993.
- PENIN, VIEIRA. S. T. S, S. L. **Refletindo sobre a função social da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- SANTOS, V. L. B. **Brincadeira e conhecimento; Do faz-de-conta a representação teatral**. Porto Alegre: Mediação, 2002.
- SOUZA, P. do C. **O lúdico e o desenvolvimento infantil**. Revista do NUPE (Núcleo de Pesquisas e Extensão) do DEDC I/UNEB. Universidade do Estado da Bahia. vol. 01. n. 01. 2011.
- WINNICOTT, D, W. **A linguagem e a brincadeira**. Fundação Roberto Marinho. Professor da Pre-escola. Rio de Janeiro: FAE, 1991.

ANEXO



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA- UEPB
CURSO: PEDAGOGIA
DISCIPLINA: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
ORIENTANDO: MARCOS ANTONIO LOPES
PROFESSORA: _____

QUESTIONÁRIO

1. Para você, o que é família?
2. Como você vê a escola hoje?
3. Que parceria existe entre a família e a escola?
4. Você vem participando das ações escolares de seus filhos?
5. Para você, o que é brincar?
6. Na escola, a brincadeira é importante para o aprendizado?